

Paisagem e cultura material no Caminho da Serra da Pedra no Extremo Sul catarinense, Sul do Brasil

Landscape and material culture on the Serra da Pedra Path in the southernmost region of Santa Catarina, Southern Brazil

Paisaje y cultura material en el Sendero Serra da Pedra en el extremo sur de Santa Catarina, sur de Brasil

Edson Zilli

<https://orcid.org/0000-0002-4841-0039>

zilli.edson@hotmail.com

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC, Brasil

Juliano Bitencourt Campos

<https://orcid.org/0000-0002-0300-1303>

jbi@unesc.net

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC, Brasil

Investigador do Instituto Terra e Memória, Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, Portugal

Mikael Miziescki

<https://orcid.org/0000-0002-7204-3339>

miziescki@gmail.com

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC, Brasil

Jairo José Zocche

<https://orcid.org/0000-0003-2291-3065>

jjz@unesc.net

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC, Brasil

Jairo Valdati

<https://orcid.org/0000-0002-7559-5315>

jairo.valdati@udesc.br

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, SC, Brasil

José Gustavo Santos da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0578-8266>

gustasantos92@gmail.com

Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC, Brasil

Pesquisador colaborador do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo: O Caminho dos Conventos se caracteriza por ter sido importante via terrestre a conectar o litoral e o planalto no Extremo Sul Catarinense. Após a abertura do histórico caminho, os núcleos ocupacionais, que se estabeleceram ao longo do traçado, foram se

adaptando às novas demandas devido à passagem das tropas pela região. Este estudo visa mapear e analisar os elementos histórico-culturais presentes ao longo do Caminho da Serra da Pedra e sua ligação com o tropeirismo. A metodologia empregou trabalho de campo e registro dos bens materiais e imateriais encontrados ao longo da trilha. A cultura material registrada se encontra distribuída em três setores que totalizam 30 pontos relacionando a história material da região com o tropeirismo. Ao longo desse traçado estabeleceram-se casas comerciais, pontos de parada e pouso que serviram como referência e apoio para os viajantes. Atualmente estes bens materiais encontram-se preservados em sua maioria, alguns são utilizados como moradias familiares e outros se encontram abandonados. Os pontos imateriais registrados são utilizados para apoiar o turismo ao longo da trilha.

Palavras-chave: memória, colonização, ciclo econômico, herança patrimonial.

Abstract: Caminho dos Conventos is characterized as an important terrestrial route connecting the coast and the plateau in the southern extreme of the State of Santa Catarina. After the opening of the historic road, the settlements established along the route adapted to the novel needs of the troops passing through the region. This study aims to map and analyze the historical and cultural elements present along the Serra da Pedra Path and their relationship with the 'Tropeirismo'. We employed fieldwork and the recording of material and immaterial goods found along the trail. The recorded material culture is divided into three sectors, which together make up 30 points that relate the material history of the region to Tropeirismo. Along this route commercial houses were built, as well as resting and housing places that served as a reference and support for travelers and troops. Currently, most of these material assets are preserved, some are used as residences, and others are abandoned. The immaterial points recorded are used to support the tourism along the trail.

Keywords: memory, colonization, economic cycle, heritage.

Resumen: El Caminho dos Conventos se caracteriza por haber sido una importante ruta terrestre que conectaba la costa y la meseta en el extremo sur de Santa Catarina. Tras la apertura de la histórica carretera, los asentamientos que se establecieron a lo largo de la ruta se adaptaron a las nuevas exigencias planteadas por las tropas que recorrían la región. El objetivo de este estudio es cartografiar y analizar los elementos históricos y culturales presentes a lo largo del camino de la Serra da Pedra y su conexión con el tropeirismo. La metodología utilizada se basó en el trabajo de campo y en el registro de los bienes materiales e inmateriales encontrados a lo largo del sendero. La cultura material registrada se distribuye en tres sectores que, en conjunto, suman treinta puntos que relacionan la historia material de la región con el tropeirismo. Los resultados muestran que a lo largo de esta ruta se establecieron casas comerciales, así como puntos de parada y desembarque que servían de referencia y apoyo a los que pasaban por la región. En la actualidad, la mayoría de estos bienes materiales se conservan, algunos se utilizan como viviendas familiares y otros están abandonados. Los puntos inmateriales registrados sirven de apoyo al turismo que se desarrolla a lo largo de la ruta.

Palabras clave: memoria, colonización, ciclo económico, Patrimonio

INTRODUÇÃO

O tropeirismo é conceituado como um sistema social de extrema importância para a expansão e ocupação do território brasileiro. Na época do Brasil Colônia, importantes vias terrestres tiveram como finalidade interligar regiões. Nesse contexto, contribuiu para

o encontro de diferentes culturas sendo considerado também um agente social de desenvolvimento local e regional (Straforini, 2004).

O tropeiro na visão de Almeida (1971) seria aquele que com alguma tropa carregava gêneros da terra, fazendo suas jornadas de cidade a vila, de povoado a povoado, transportando também cavalos, bois, muares ou até porcos, acrescentando a tudo isso a ideia de rebanhos em marcha para a feira ou matadouro. O autor define a palavra tropa ao representar um rebanho de animais ou multidão de pessoas, embora a denominação tropa passasse a se restringir, no Brasil, aos rebanhos de equinos, muares e asininos. A definição de Flores (1998) sobre o tropeiro representa a dificuldade em precisar o significado do termo, pois foi empregado tanto para atividades com animais de cavalgadura como bovinos.

O tropeirismo apresenta-se como um sistema organizado, encarregado pelo escoamento de diversos gêneros que eram transportados por uma vasta porção do território brasileiro, numa nítida divisão territorial e social do trabalho. O ciclo do tropeirismo foi um dos processos econômicos responsáveis pela efetiva integração entre Sul e Sudeste a partir do comércio de animais entre estas regiões (Suprinyak & Marcondes, 2007).

Brandt (2015, p. 304-305) aponta que “Santa Catarina surgiu como um espaço possível de ocupação, principalmente a partir do final da primeira metade do século XIX, quando as principais áreas de campos já haviam sido apropriadas para a criação de gado”. Do litoral para os Campos de Cima da Serra vem a se estabelecer uma ligação comercial marcada por uma rota tropeira, que ficou conhecida como “Caminho das Tropas” (Herberts, 2009). Uma dessas rotas alcançava o planalto a partir da foz do rio Araranguá, e ficou conhecida como Caminho dos Conventos (Campos et al., 2020).

O ciclo do tropeirismo que tinha como principal objetivo abastecer as Minas Gerais com tropas de mulas e gado, acabou também por fomentar o comércio regional e interno e mesmo pelo transporte de pessoas livres e escravizadas. Comumente é relegado na história, em detrimento dos clássicos ciclos de monocultura da cana e café (Morgado, 2021; Muller & Castanha, 2022). Segundo Suprinyak e Marcondes (2007) este processo de comércio foi iniciado no final do século XVII e atrelado a descobertas de ouro, porém seu grande desenvolvimento ocorreu durante o século XVIII.

Segundo Campos et al. (2020) o Caminho da Serra da Pedra, parte do antigo e histórico Caminho dos Conventos, foi a primeira conexão entre a serra e o mar no sul do estado. Após sua abertura, outras ligações foram surgindo e no decorrer do século XVIII novas rotas foram sendo estabelecidas, ampliando-se a atividade tropeira.

Quanto ao processo de abertura do Caminho dos Conventos, segundo Hobold (2005), o principal responsável foi o Sargento-Mor Francisco de Souza Faria, em um projeto maior de ampliação do domínio português, bem como de um caminho alternativo para o transporte de animais e mercadorias. Ele teve início em 11 de fevereiro de 1728 com cerca de 96 homens, a partir da foz do rio Araranguá, denominado de Cangicaçu, em direção à Serra Geral.

Em seu relatório, de acordo com Hobold (2005, p. 72-73), Souza Faria descreve que “Saindo de Laguna marchei com toda a tropa pela praia a buscar o rio Araranguá e nele

o sítio a que chamam os Conventos, em 11 de fevereiro de 1728 dei princípio ao caminho rompendo mato fechado”. É possível observar a riqueza de detalhes durante o processo de abertura desse caminho ao enfrentarem dificuldades como córregos e ribeirões, cortando mato fechado, fazendo pontes e estivas até atingir os Campos de Cima da Serra.

Conforme Hobold (2005), a ligação entre litoral e planalto só foi possível por conta de o Caminho dos Conventos seguir o curso do rio da Pedra, afluente do rio Araranguá. O autor destaca ainda que esse caminho era herança de outro mais antigo, usado por grupos indígenas.

A abertura de uma trilha acarreta alterações na paisagem ao adaptar o caminho às condições naturais do terreno, eventualmente alterando caminhos pré-existentes. A circulação de pessoas engendra um novo ciclo de comércio e trocas que vão muito além do cunho econômico, pois novas relações sociais passam a ocorrer e integrar pessoas, produtos e rotas. Tal processo vai modificar e construir uma nova paisagem, que passa a ter um viés cultural (Zocche et al. 2014).

Como recorda Silva (2009), o movimento tropeiro ocasionou mudanças na paisagem em diversas localidades, algumas ainda hoje percebidas. Ao longo dos caminhos foi construída, de forma orgânica, a rede de apoio às tropas e ao comércio - casas, armazéns, moinhos, atafonas e campos para pouso, muros de taipa de pedra de junta seca, etc. Esses locais, além de marcar a paisagem, ainda hoje permeiam o imaginário popular, estando presentes nas histórias e memórias da população local. Na perspectiva historiográfica, o passado está diretamente ligado às fontes da cultura material, o que possibilita uma análise em amplo sentido, tanto na historiografia quanto na arqueologia, a fim de interpretar a vivência humana na Terra (Funari, 2003).

Neste processo de compreender o passado através de discussões que se apropriam das histórias locais e regionais, os caminhos utilizados pelos tropeiros representaram grande importância tanto na ressignificação da paisagem por onde passavam, quanto nos bens materiais que seus agentes sociais desenvolveram nessa paisagem.

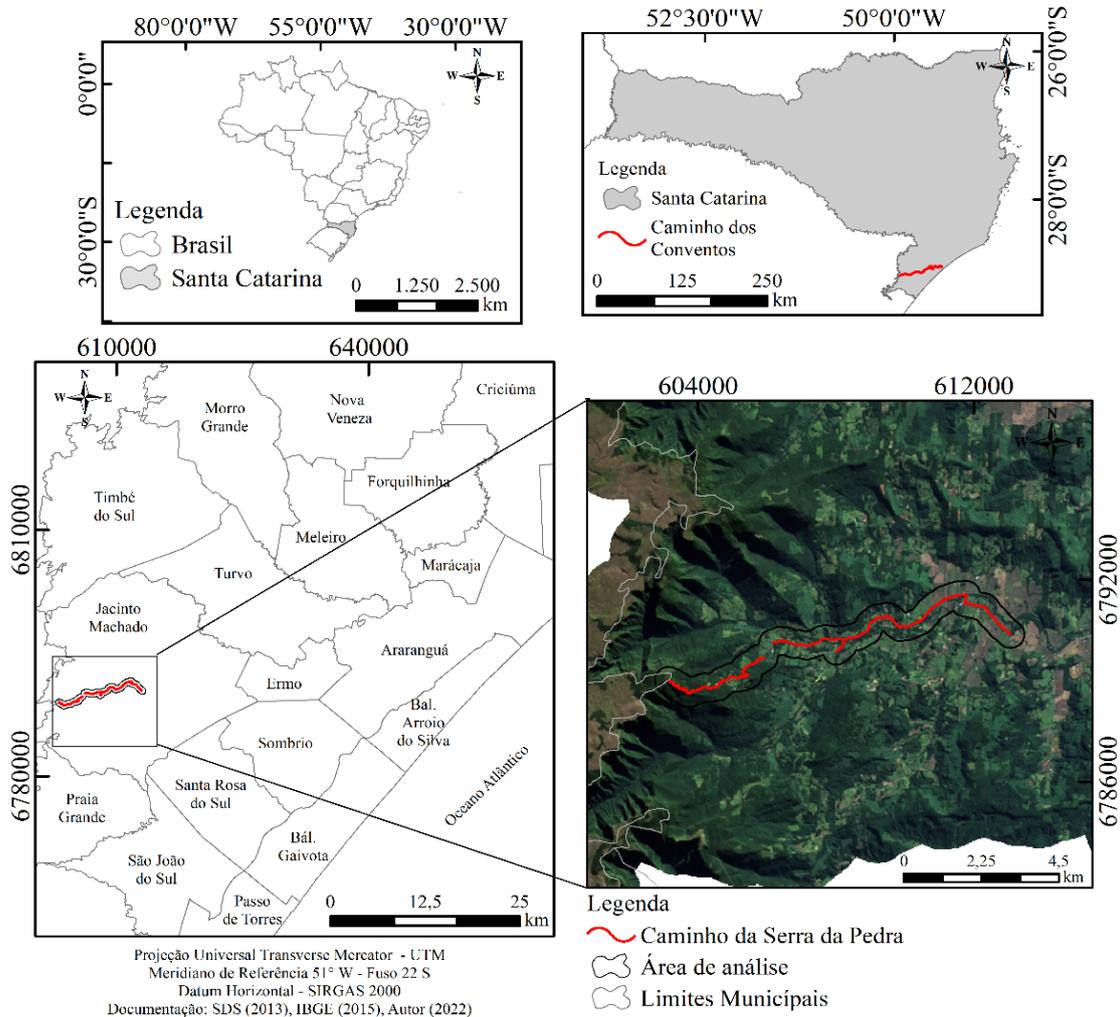
Assim, esta pesquisa teve por objetivo mapear e analisar os elementos histórico-culturais presentes ao longo do Caminho da Serra da Pedra e sua ligação com o tropeirismo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Localização e descrição da área de estudo

O recorte espacial desse caminho é delimitado, a leste, pela orla costeira do município de Araranguá, a oeste pela divisa entre os municípios de Jacinto Machado, no estado de Santa Catarina e Cambará do Sul, no estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). O trajeto do Caminho dos Conventos passava sobre o atual território do município de Ermo, que à época, assim como o município de Jacinto Machado, fazia parte do território de Araranguá.

Figura 1: localização da área de estudo



Neste estudo, foi delimitado para análise apenas o Caminho da Serra da Pedra, que tem seu início a cerca de 10 km de distância do centro da pequena cidade de Jacinto Machado. Nesta área, estão situadas duas importantes vilas, a vila da Serra da Pedra, conhecida pelos moradores por “Pedra” e, na sequência, a vila chamada Costão da Serra da Pedra, denominada pelos moradores da região como “Costão da Pedra”.

Delimita-se neste estudo a área total, o que se chama aqui de “Caminho da Serra da Pedra”, que vai desde a cidade até a área após a subida da Serra Geral (“em cima da Serra”). A referência à “Trilha da Serra da Pedra” se restringe ao setor 3 de análise (ver Figura 3).

Este terceiro setor percorre uma paisagem com elementos naturais bem distintos, principalmente o relevo. Ela pode ser dividida de acordo com as unidades de relevo que atravessa: planície, patamares e escarpas. De acordo com o banco de dados de informações digitais (BDiA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), as Unidades Geomorfológicas são Planície Alúvio-colvionar, Patamares da Serra Geral e Serra Geral.

Partindo da vila Serra da Pedra, a trilha percorre o compartimento da planície alúvio-colvionar, que apresenta relevo plano, formado por depósitos aluviais que se

estendem nas zonas adjacentes aos rios, originalmente coberta por Floresta Ombrófila Densa Aluvial, de Terras Baixas ou Submontana (IBGE, 2012).

Logo após a trilha passa a subir pelos Patamares da Serra Geral, um compartimento formado por morros com encostas pouco íngremes. Originalmente estas áreas também eram recobertas por Floresta Ombrófila Densa do tipo Submontana.

A terceira unidade de relevo é a Serra Geral, na margem do Planalto Meridional, definida pelos seus bordos festonados, vales encaixados, cânions e encostas íngremes. Neste compartimento a vegetação original é a Floresta Ombrófila Densa Montana ou Alto Montana, também denominada de Floresta Nebular.

Estas características da paisagem natural, dadas principalmente pelo relevo e vegetação, formam o cenário para a construção da trilha, que foram e são o fator limitante para a construção de vias de acesso. Trilhas assim, atualmente são muito valorizadas pelos seus elementos cênicos de paisagem natural para a atividade do geoturismo, promovido a partir da chancela do Caminhos dos Cânions do Sul Geoparque Mundial da UNESCO (CCSUGGp) que abrange áreas em dois estados (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e sete municípios, sendo quatro em território catarinense e três em gaúcho. Os territórios englobados pelo geoparque compreendem novas estratégias de desenvolvimento sustentável local, promovidos com base na proteção do patrimônio geológico conectado e aliado ao patrimônio cultural (Rosado-González et al., 2020; Skibiński et al., 2021). Geoparques representam uma possibilidade adicional de proteção e promoção cultural, além de promover o desenvolvimento sustentável da região onde estão inseridos (Santos et al., 2023)

Coleta e análise de dados

Inicialmente foi realizado o levantamento de campo, que ocorreu durante os meses de janeiro, julho e setembro de 2022. Incursões foram realizadas com intuito de conhecer o percurso histórico referente ao Caminho dos Conventos, e o possível patrimônio histórico-cultural localizado ao longo da Trilha Serra da Pedra. A atividade de campo percorreu os municípios de Araranguá (desde o bairro Hercílio Luz, conhecido antigamente como Cangicas), acompanhando a estrada que está situada na margem direita do rio Araranguá (sentido foz-nascente), conforme a descrição do Sargento-Mor Francisco de Souza Faria, contida em Hobold (2005). Seguiu-se esse caminho em direção ao Ermo, e a partir daí, até o município de Jacinto Machado.

Como plano de ação foi realizado o trajeto da Caminho da Serra da Pedra, sendo este assumido como uma das possíveis rotas adotadas para o Caminho dos Conventos. O ponto inicial se deu na localidade de Serra da Pedra. Durante o percurso, o caminho percorrido foi registrado utilizando-se a função *trackmaker* em um aparelho GPS (*Global Position System*) de navegação, modelo *Garmim Etrex*.

Como o início da trilha se encontra em propriedade particular, foi necessário requisitar autorização para o proprietário, que prontamente liberou a subida, além de gentilmente auxiliar no trabalho de campo como guia.

Durante as etapas de campo seguintes, a coleta de dados foi realizada também com auxílio de um GPS para se demarcar os pontos e para a reconstituição da trilha. Além de fixar as coordenadas pré-estabelecidas, com auxílio de uma máquina fotográfica profissional modelo Nikon (Digital Câmera D3200) foi possível registrar e armazenar um grande acervo de material fotográfico, o qual auxiliou na identificação do patrimônio histórico-cultural remanescente na paisagem.

A partir do caminhamento foi possível espacializar em meio cartográfico o caminho e os pontos obtidos em ambiente SIG (Sistema de Informação Geográfica), com uso do *software* ArcGis 10.3. Para melhor análise, a trilha foi dividida em três setores: o primeiro localizado na Vila da Serra da Pedra; o segundo na Vila Costão da Pedra e o terceiro setor faz a ligação até o planalto, alcançando os Campos de Cima da Serra, no estado do Rio Grande do Sul.

Apesar de não terem sido realizadas entrevistas formais, anotou-se diálogos, conversas, informações obtidas dos moradores, e os contatos espontâneos por parte dos moradores foram considerados importantes, o que caracteriza o método como um levantamento assistemático e oportunístico. Nestas condições, muitos dos moradores relatavam sobre as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo, bem como as histórias locais que se relacionam com a passagem dos tropeiros na região.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificados ao longo do trajeto do Caminho da Serra da Pedra, 30 pontos de interesse histórico-cultural (Figura 2), os quais foram subdivididos em quatro categorias (Quadro 1) registrados e espacializados em três setores distintos (Figura 3).

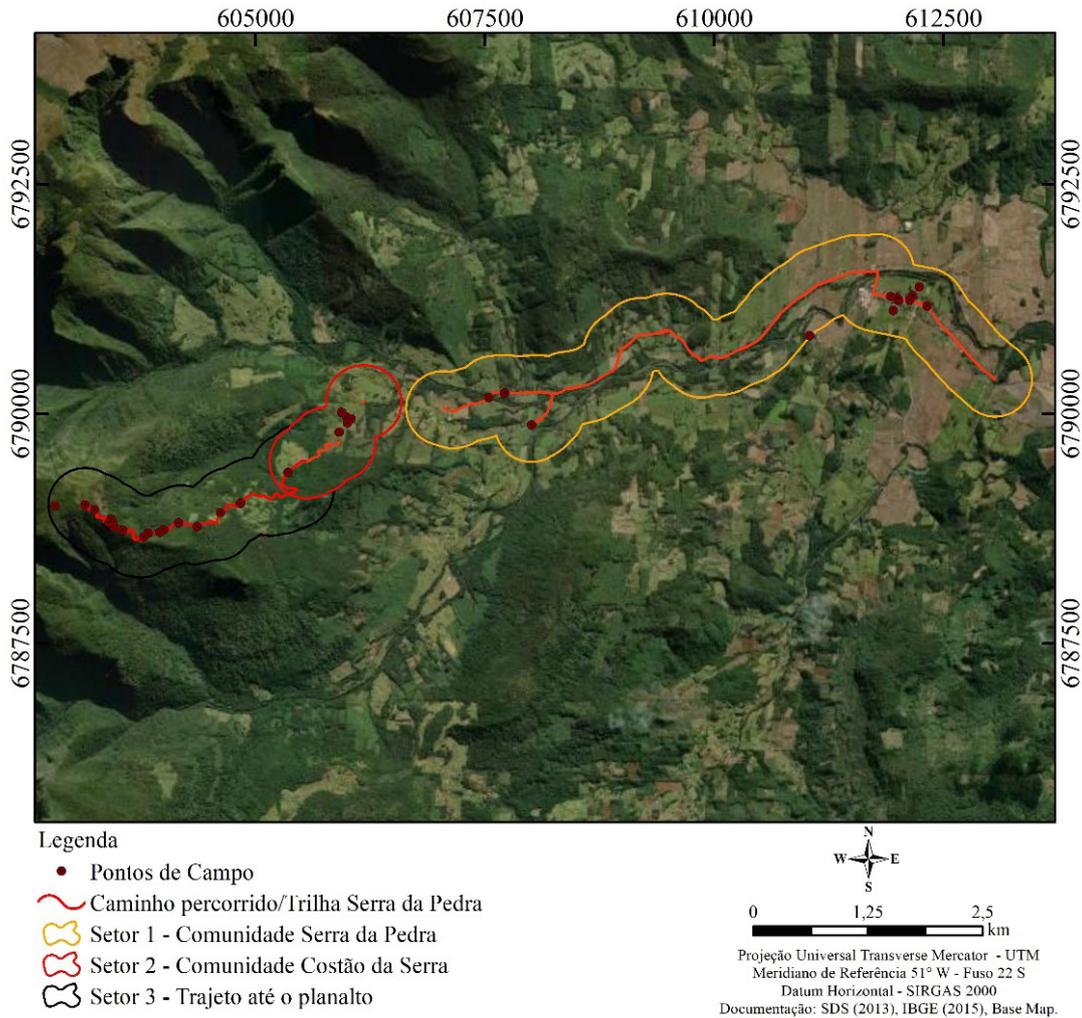
Quadro 1: registros de pontos de interesse histórico na Trilha Serra de Pedra, Jacinto Machado, SC.

Tipo de registro	Quantidade	Número de registros por Setor		
		Setor 1	Setor 2	Setor 3
Casas comerciais	4	4	0	0
Campos para pouso	4	2	1	1
Pontos de referência cultural	10	3	5	2
Pontos com paisagem cultural	12	0	0	12
Total	30	9	6	15

Figura 2: caminho percorrido e pontos de campo



Figura 3: setores de estudo da Trilha Serra da Pedra, Jacinto Machado, SC.



Setor 1 - Comunidade Serra da Pedra

Remanescente do período colonial, o Caminho dos Conventos foi importante rota terrestre utilizada pelos tropeiros no transporte de mercadorias entre litoral e planalto (Campos et al., 2020). A antiga rota comercial, segundo relatos dos moradores, em certo momento passava pela propriedade do senhor Antônio Cristane. Nessa propriedade, encontra-se localizada um afloramento de rocha (Figura 4), sendo este um possível ponto de referência para os viajantes tropeiros. O local serviria de abrigo, com objetivo de descanso das tropas antes ou após a passagem pelo trecho que é considerado o mais difícil, por se tratar de um trecho estreito entre as encostas da Serra Geral.

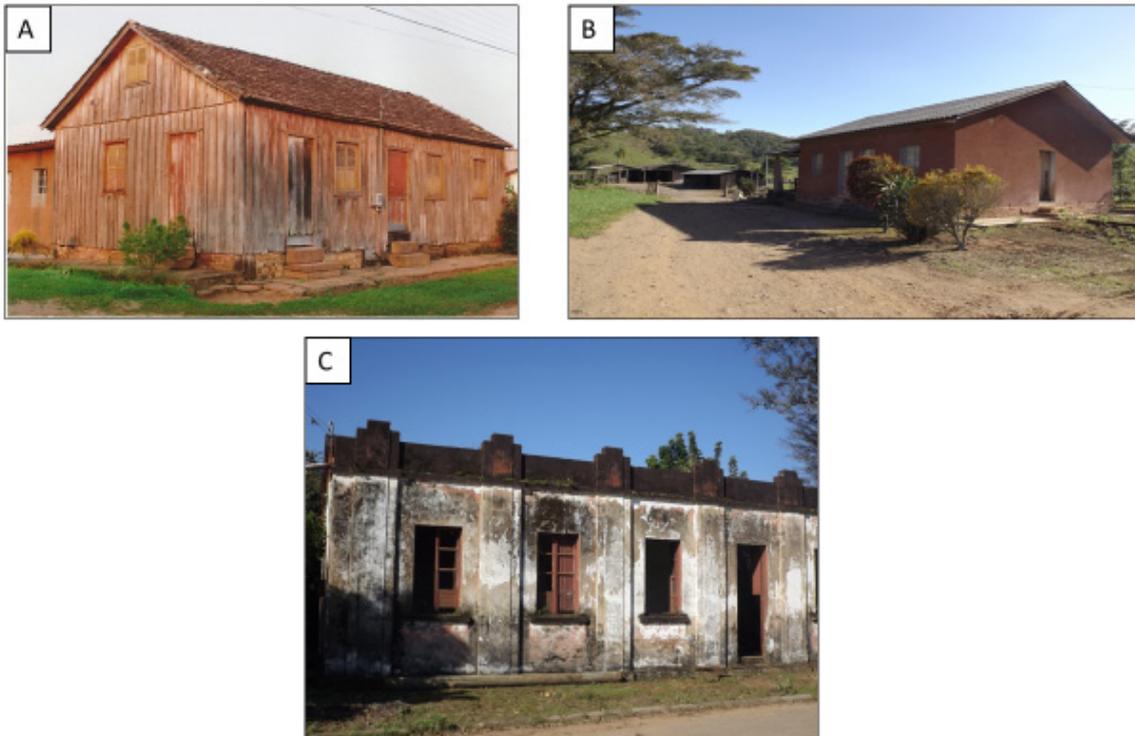
Figura 4: ponto de referência na comunidade Serra da Pedra (Ponto 26), início do caminho.



A residência de Florindo Saretto (Figuras 5A e 5B), vivenciou a prática de troca de mercadorias, onde geralmente as casas que realizavam algum tipo de negócio também hospedavam as tropas. Por situar-se próximo à Serra da Pedra, os tropeiros descansavam do difícil trajeto nas proximidades de onde lhes serviam algum tipo de abrigo com pastagem para o gado.

Além de uma casa comercial, um grande pátio servia como pouso e abrigo para as tropas, contribuindo dessa forma para o descanso e a organização da tropa para seguir viagem até seu destino. Próximo à casa de Florindo Saretto, moradores relatam a ocorrência de uma ruína de residência (Figura 5C) que ainda se encontrava visível, onde também realizavam a prática do comércio com tropeiros.

Figura 5: patrimônio material ligado ao tropeirismo. A - casa de comércio Florindo Saretto; B - campo para pouso de Florindo Saretto; C - possível casa de comércio.



Localizada na via que dá acesso à Serra da Pedra e à Comunidade de Costão da Pedra, encontram-se outras residências que serviram como ponto de referência para os tropeiros que cruzavam esta região. Uma delas (Figura 6B) possuía uma mangueira de porcos, que assegurava estrutura para alimentação, bem como local para descanso desses animais que também eram transportados, vindos dos Campos de Cima da Serra. Silva (2006) destaca que em regiões com predominância de florestas mais densas, como é o caso da área de estudo, onde há alternância entre a floresta nebulosa e a floresta ombrófila densa nas encostas e patamares da Serra Geral, desenvolveu-se o tropeirismo de animais de pequeno porte, como porcos.

De acordo com Brandt (2015), as regiões dos Campos de Cima da Serra eram propícias para esse tipo de atividade, o que permitiu que muitos habitantes locais encontrassem na criação de porcos soltos uma importante fonte de renda, especialmente para as famílias que não possuíam extensas áreas de pastagem em suas propriedades.

Com o passar dos anos, a demanda fez com que esse local viesse a comercializar também remédios, surgindo uma espécie de farmácia (Figura 6A). No interior da antiga farmácia, é possível encontrar partes dos balcões desse comércio, alguns já desmontados e outros em bom estado de conservação (Figura 6C), o que pode sugerir que a prática realizada com o comércio farmacêutico era bastante procurada nesse ponto de passagem de tropas.

Próximo a essa farmácia, em sentido à Serra, é possível identificar o local onde existia uma antiga atafona datada de aproximadamente 1930 (Figura 6D), que reforça como

esse comércio nas proximidades atendia uma demanda de produtos diferenciados, desde alimentos produzidos nas localidades como de outras regiões.

Quanto às residências estarem relativamente próximas, demonstra o intenso movimento que o caminho influenciou no comércio daquelas comunidades. Campos et al. (2020), apontam que determinadas propriedades se localizavam próximas umas das outras e que essa estratégia atendia às necessidades do movimento tropeiro:

propriedades que praticavam o comércio situam-se em pontos estratégicos umas próximas das outras. No atual trajeto podemos perceber a rota em que os tropeiros seguiam em direção ao litoral e as Serras, como também os pontos de parada e pouso, demonstrando como era intenso essas passagens pela região (Campos et al., 2020 p. 206).

Figura 6: estruturas que estão diretamente ligadas ao tropeirismo. A - antigo comércio e farmácia; B - local de pouso e mangueira de porcos; C - balcão no interior da antiga farmácia; D - antiga atafona.



Outro fator importante é a presença constante do rio da Pedra, pois este define praticamente todo o traçado desse caminho e não representava muitas dificuldades para os tropeiros para sua travessia, pois possui profundidade relativamente rasa, com muitos seixos em seu leito. Em seu percurso é possível observar boa qualidade de suas águas, o que pressupõe extrema relevância para o abastecimento das tropas.

Próximo a uma de suas pontes, encontra-se a atual Igreja São Paulo, localizada no mesmo ponto onde teria sido construída a primeira capela feita de madeira (Figura 7D), com uma torre na sua lateral que abrigava o sino. Com o passar dos anos, foi construída

uma nova igreja, desta vez de alvenaria (Figura 7C). Ao fundo das figuras 7A-D, é possível visualizar a Serra da Pedra, caminho que liga aos campos, o que reforça que a passagem dos tropeiros seguia pelo traçado que liga as comunidades até o início da trilha.

Figura 7: rio da Pedra e a Igreja São Paulo. A - rio da Pedra; B - ponte sobre o Rio da Pedra, antiga passagem de tropeiros; C - atual Igreja São Paulo; D - antiga Igreja São Paulo.



Setor 2 – Comunidade Costão da Pedra

Situada na localidade de Costão da Pedra, na propriedade do Sr. Zelindo Ronsani, 94 anos e seu filho Aloíde Ronsani, 49 anos¹, é possível encontrar remanescentes culturais relacionados com o movimento tropeiro. Como visto adiante no texto, esse núcleo era possivelmente de grande importância para os viajantes que cruzavam a região. De acordo com o Sr. Zelindo, essa rota fazia parte do antigo percurso dos tropeiros, sendo considerada a trilha original. Com o decorrer do tempo, novos caminhos foram abertos.

Na propriedade, é possível identificar centenas de metros de taipas (Figura 8), construídas principalmente para abrigar e proteger tropas que passavam pela região. Esses corredores eram erguidos com a sobreposição de rochas de junta seca, destinados a delimitar o “caminho das tropas”, construção de mangueiras e cercamento de pastagens (Herberts, 2009; Nicoladelli et al., 2023). As taipas apresentam altura de 0,70 m de altura e 0,75 m de largura.

¹ As idades apresentadas aqui são referentes à época da pesquisa (2022).

Figura 8: propriedade de Zelindo e Aloíde Ronsani. A – vista geral da propriedade; B – residência de Zelindo Ronsani, com antiga casa de pouso (lado esquerdo da imagem); C – local de descanso para as tropas, cercado por taipas; D – taipas na propriedade de Aloíde Ronsani.



A antiga casa que servia de abrigo e pouso para os tropeiros ainda guarda alguns materiais e pertences que eram utilizados na construção das taipas. Além de ser um local estratégico de parada por estarem localizados no sopé da Serra, os tropeiros também encontravam nessa propriedade um engenho que produzia açúcar e aguardente (Figura 9), o que reforça que, além de ponto de parada, também poderia ser um local de comércio.

Figura 9: estruturas e objetos ligados ao tropeirismo. A - antiga casa de pouso; B - selas e objetos utilizados pelos tropeiros; C e D - antigo engenho utilizado na produção artesanal de cachaça e açúcar.



Setor 3 – Trajeto até o planalto

Ao longo do trajeto da Trilha da Serra da Pedra, é possível identificar formações da Floresta Ombrófila Densa Submontana, Montana e Alto Montana. Percebe-se mudanças na paisagem nesse ponto do caminho, o que pressupõe algumas alterações nas condições para a implantação dessa etapa da trilha. Quanto ao trajeto, para garantir a segurança de quem o realiza, é indispensável o acompanhamento de condutores ou guias locais conhecedores da região, pois o grau de dificuldade é alto e exige bom condicionamento físico.

Cabe ressaltar que ao longo do trajeto do histórico caminho, diversos locais se relacionam com a identidade cultural dos mesmos, por conta de “causos” e lendas que a eles se referem (fez morada no imaginário popular). Este quadro possivelmente influenciou na toponímia ao longo da serra, em locais como a Cruzinha, a Pedra do Sabão e outros. À medida que o movimento das tropas ocorria nesse percurso, os nomes de alguns locais começavam a ficar conhecidos pelos viajantes, o que facilitava ao tropeiro reconhecer pontos relevantes em que poderia obter certas vantagens para o sucesso de sua travessia.

Isquerdo (1996, p. 81-82) refere-se aos denominados topônimos como verdadeiros “fósseis linguísticos, embora o signo toponímico esteja inserido no sistema linguístico, a sua função não é de significar, mas de identificar os lugares. Serve de referencializador a realidade espacial do homem”.

Tais pontos inseridos na paisagem podem ser incorporados no diálogo popular do local, caracterizado por elementos naturais deste contexto e de suas histórias. Como recorda Angelo da Silva (2022, p. 87) “os acessórios utilizados pelos tropeiros, os fenômenos físicos e antrópicos observados serviram como norteadores para a nomeação dos rios, serras, adaptando-os ao próprio ambiente se utilizando da fauna e flora tal como os povos indígenas² com quem tiveram algum tipo de contato”.

Atualmente, a Trilha Serra da Pedra conta com alguns desvios em seu percurso, num total de 16, com extensões normalmente entre 15 e 20 metros, sendo que o desvio mais extenso percorreu de 80 a 90 metros até encontrar o caminho original. Envolvem mudanças na paisagem devido à erosão causada por elementos naturais, como escoamento superficial da água pluvial, movimentos de massa (queda de barreiras), vegetação, o que resultou um novo traçado para que o caminho fosse possível de ser realizado.

No que diz respeito aos locais de parada e repouso, além de serem fundamentais, eram estratégicos devido às suas características específicas. Considerando-se um percurso desafiador e imprevisível, poderiam surgir diversas situações que demandariam um local para abrigo ou para pausas não planejadas. Nesse momento, era possível perceber a alteração no trajeto e na paisagem da trilha, pois a rota se afastava do caminho estreito entre a vegetação densa com o terreno íngreme de difícil travessia, para uma área aberta na encosta da Serra Geral.

Durante o percurso, um dos principais e mais cruciais pontos desse trajeto é o “Olho da Fonte”. A relevância de encontrar uma fonte de água potável já é significativa,

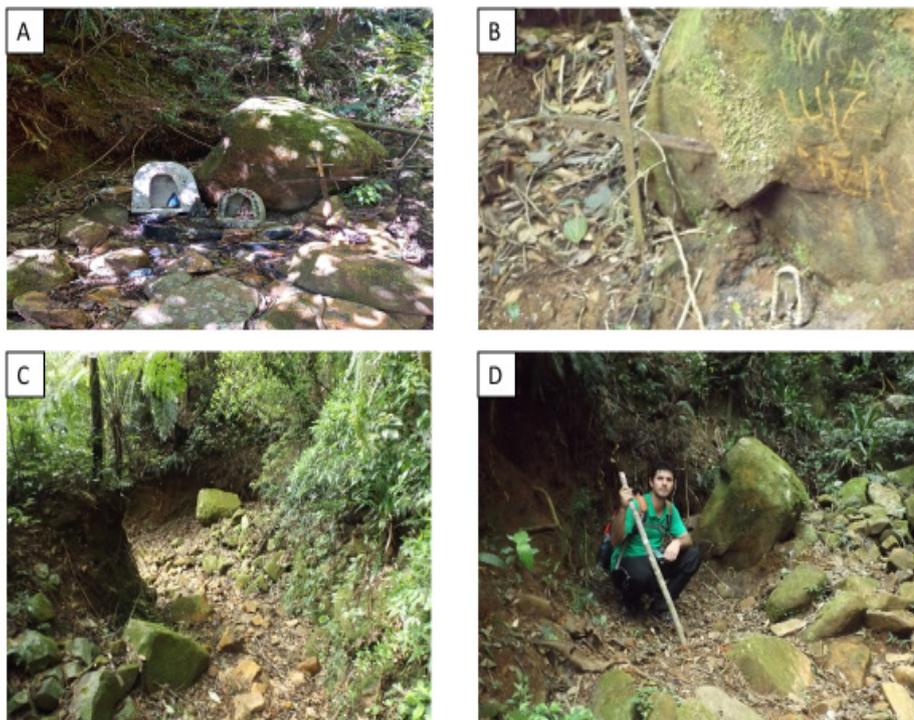
2 Conforme Cezaro et al. (2020) e Campos et al. (2023), a região da área de estudo foi ocupada por populações indígenas Laklâno-Xokleng.

especialmente se estiver acessível em uma estrada de passagem. Outro ponto resultante desse fluxo que as águas seguem ao longo do caminho é a chamada “Curva do Sabão”. Aqui, a trilha torna-se perigosa devido à água constante e ao solo escorregadio, o que dificulta a travessia e exige do condutor toda a atenção e destreza para evitar possíveis acidentes com a carga. Parte desse percurso é repleta de pedras, o que torna esse trecho mais escorregadio.

Manter um caminho em boas condições é essencial, especialmente se ele passa por uma Serra. Era necessário realizar a manutenção seis vezes ao ano e, de acordo com os habitantes locais, a origem do nome “Pedra do Baú” está relacionada ao local onde as ferramentas eram deixadas escondidas enquanto prestavam serviços na estrada - uma maneira de não carregar o peso das ferramentas diariamente de casa para o trabalho.

Na Figura 10 é possível avistar um ponto do trajeto que guarda uma história trágica, ligada a um avô que teria praticado um ato de violência contra a neta e escondido seu corpo nesse lugar. Esse ponto ficou conhecido como “Cruzinha” devido à primeira cruz talhada em uma árvore. Com o passar dos anos, uma cruz de ferro e uma pequena capela foram acrescentadas, transformando a paisagem em um local de comoção e respeito para aqueles que por ali passam. Alguns visitantes deixam velas e outros objetos como forma de prestar homenagens, e até hoje o local mantém uma cruz talhada em uma pedra.

Figura 10: aspectos do ponto de descanso da Baixada da Cruzinha.



A Baixada da Cruzinha era utilizada como parador, descanso e refúgio. A vegetação local era composta por uma espécie de taquara chamada cará (*Chusquea meyeriana*), que formava uma espécie de cerca natural devido sua formação cerrada e, com isso, dificultava

a fuga dos animais e facilitava o trabalho dos tropeiros em caso de algum problema durante o percurso da trilha. Neste local, os tropeiros utilizavam a parte mais larga da trilha a seu favor, uma vez que poucos pontos da trilha possibilitavam essa formação que poderia ser utilizada para o alinhamento da tropa durante o trajeto. A “Curva das Canelas” se refere à árvore bastante conhecida por sua madeira de qualidade, bem como por adicionar sabor, cor e cheiro se misturada na cachaça, produto artesanal dos engenhos da região e comercializado pelos tropeiros em praticamente toda a rota.

Há um momento em que a trilha apresenta três desvios em seu percurso. Quanto a esse ponto em específico, conhecido como “Três Forquilhas”, tais desvios não representam novos caminhos, e sim apresentam apenas pequenos desvios que facilitavam sua passagem e acesso. É um trecho com muitas irregularidades que em períodos de chuva complica ainda mais a passagem. Porém, depois de finalizado o trajeto mais difícil, os caminhos que apresentam desvios voltam a conectar-se com o original, seguindo seu percurso.

O local conhecido como “Morro Triste” apresenta fatores naturais que tornam esta parte do trajeto mais difícil. O local apresenta uma declividade acentuada e um solo argiloso, que somado à grande intensidade de precipitação que ocorre nas encostas da Serra Geral, por meio das chuvas orográficas, o tornaria um ponto da trilha propício para acidentes.

A localização desse ponto, conhecido como “Boa Vista”, permite observar o Cânion Fortaleza, também chamado de “Fundo do Macuco” pelos mais antigos, assim como o Cânion da Pedra, também chamado de “Três Bonecas” pelo seu formato esculpido naturalmente em uma grande rocha.

Atualmente, a trilha passa bem próximo à beira da encosta da Serra Geral, desvio feito para contemplar o máximo possível a vista. A trilha original passa a alguns metros de distância devido ao perigo exposto para os tropeiros e sua tropa na realização desse trajeto.

O ponto conhecido como “Esfriador” se localiza na transição entre a trilha realizada na Serra Geral e sua conexão com os Campos de Cima da Serra. Mais à frente, o último ponto mapeado no caminho é conhecido como “Boca da Serra” e proporciona uma ampla visão dos campos abertos. Este ponto marca a transição entre dois domínios de natureza (Campos de Cima da Serra e floresta ombrófila). Inicia-se neste ponto a descida em direção às planícies costeiras e ao Caminho dos Conventos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura do que pode ter sido a primeira via terrestre a conectar o litoral aos Campos de Cima da Serra foi crucial para interligar as diversas localidades em crescimento na região. A partir das margens do rio Araranguá, os Campos de Cima da Serra eram acessados para o transporte de mercadorias através do movimento tropeiro. Além disso, o caminho está inserido na história do Sul do Brasil.

O passado deixou suas marcas na paisagem, seja ela com o patrimônio cultural, seja com a presença e existência da paisagem cultural, sua relação com o tempo e espaço imprimem elementos antrópicos que o ser humano os atribuiu enquanto história (Zocche

et al, 2014). Assim, as características da história de longa duração permitem assimilar as relações socioculturais com a história local e regional, conhecer os caminhos e a presença que o movimento tropeiro deixou como herança cultural, permitiu mapear pontos que relacionam patrimônio cultural, paisagem cultural e tropeirismo.

Quanto ao estado de conservação do patrimônio histórico-cultural representado pelas trilhas, este trajeto ainda é feito por moradores da região e o movimento de condução de gado ainda se faz presente, com intuito de procurar os campos mais acima para criação de gado durante o inverno. O turismo local também utiliza esta trilha, possibilitando ao caminhante uma percepção contextual da paisagem (Eltermann & Matos, 2020). As casas comerciais que não estão sendo utilizadas como moradias atualmente encontram-se em estado de abandono, ou já não existem mais. Isso demonstra como um estudo a partir desses bens remanescentes pode contribuir para as comunidades tomarem conhecimento da sua história e promoverem projetos com o intuito de preservar esses bens, que podem se tornar patrimônios culturais (por exemplo, municipais).

Pois, a observação da paisagem cultural associada ao histórico Caminho dos Tropeiros são indicadores da herança pré-colonial e colonial, sendo estes possíveis caminhos utilizados pelos povos originários e posteriormente pelos colonizadores.

Desse modo, as descrições desse trajeto definem pontos de partida interessantes para reconhecer e preservar a memória e a identidade das comunidades locais. Porém, muito potencial ainda está à espera de novas pesquisas que revelem outros aspectos relacionados ao tropeirismo na região.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de estudos concedida ao primeiro autor. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela bolsa de produtividade em pesquisa do segundo autor (Processo 312543/2022-0). Também à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina – FAPESC, pela concessão da bolsa de estudos do último autor (CP – 48/2021). À equipe do Caminhos dos Cânions do Sul Geoparque Mundial da UNESCO, pela colaboração e auxílio na pesquisa e ao Dr. Edenir Bagio Perin pelas valiosas contribuições a este texto. Também estendemos nossos agradecimentos aos revisores deste manuscrito e em especial aos editores do periódico que durante o processo apontarão diversas questões que foram melhoradas no trabalho.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. (1971). *Vida e Morte do Tropeiro*. São Paulo, Editora Martins Edusp, 228p.
- Angelo da Silva, G. (2022). Pelos caminhos da toponímia: o tropeirismo no paraná do século XVIII e os logradouros de fortaleza em 1856. *Desafios - revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, 8(4), 76–90. <https://doi.org/10.20873/uftv8-10241>

- Brandt, M. (2015). Criação de porcos “à solta” na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra. *História*, 34(1), 303–322. <https://doi.org/10.1590/1980-436920150001000051>
- Campos, J. B., Zilli, E., Paulo Matias, C. D. P., Santos, M. C. P., Da Silveira, P. V., & Ladwig, N. I. (2020). Patrimônio histórico edificado dos caminhos das tropas na região do Extremo Sul catarinense. *Revista Memorare*, 7(2), 199. <https://doi.org/10.19177/memorare.v7e22020199-215>
- Campos, J. B., De Blasis, P., Perin, E. B., Schneider, F., Ferrasso, S., Araújo, A. & Dagostim, S. A. P. (2023). Muita comida, pouca gente: perspectivas acerca dos sítios rasos do litoral norte do Rio Grande do Sul. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 18(2), e20220077. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2022-0077>
- Cezaro, H. S., Campos, J. B., & Santos, M. C. P. (2020). Uma possibilidade de interpretação a partir do mundo simbólico dos Grupos Jê Meridionais. In: F.A.A. Soares, & L.G. Fontella. (Org.). *Repensando os Indígenas na História*. (v. 1, pp. 179-198). Criciúma: Ed UNESC.
- Eltermann, E.E., & Mattos, D. (2020). Tropeirismo e Turismo: uma proposta de aproveitamento histórico e reconhecimento de trilhas para a região dos Parques Nacionais do Aparados da Serra e da Serra Geral. In C. O. T. Wehmeyer, A. J. Ferreira, E. E. Eltermann & V. D. Soares (Eds.). *O fenômeno turístico e os cenários atuais* (pp. 10–37). Porto Alegre: Perse.
- Flores, M. (1998). *Tropeirismo no Brasil*. Porto Alegre: Nova Dimensão.
- Funari, P. P. A. (2003). *Arqueologia*. São Paulo: Contexto.
- Herberts, A.L. (2009). *Arqueologia do caminho das tropas: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC*. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2296>
- Hobold, P. (2005). *A história de Araranguá*. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: Palmarinca.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). *Manual técnico da vegetação brasileira*. Recuperado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63011.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *Banco de dados de informações digitais (BDiA)*. Recuperado de <https://bdiaweb.ibge.gov.br/#/home>.
- Isquerdo, A.N. (1996). *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese de doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil.
- Morgado, R. C. C. (2021). *Tropeirismo Como Ciclo Econômico*. Joinville: Clube de Autores.
- Muller, B. A., & Castanha, A. P. (2022). Tropeirismo e educação. *Oficina do Historiador*, 15(1), e42444. <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2022.1.42444>
- Nicoladelli, T.B., Silva, J. G.S., Menegasso, J.D., Campos, J.B., ..., & Zocche, J. (2023). Muros de taipas de pedra no Parque Nacional de São Joaquim no município de Orleans/SC. *Revista Cadernos do Ceom*, 36(59), 254–269. <https://doi.org/10.22562/2023.59.16>
- Rosado-González, E. M., Sá, A. A., & Palacio-Prieto, J. L. (2020). UNESCO Global Geoparks in Latin America and the Caribbean, and Their Contribution to Agenda 2030 Sustainable Development Goals. *Geoheritage*, 12(2). <https://doi.org/10.1007/s12371-020-00459-2>
- Santos, A. L., Bandeira, D. R., Carelli, M. N., Campos, J. B., Da Silva, J. G. S., & Mizieski, M. (2023). Southern Canyons Pathways UNESCO Global Geoparks: Strategies for Sustainable Development. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 17(10), e04324. <https://doi.org/10.24857/rgsa.v17n10-050>
- Silva, A. F. (2009). *“Meu avô era tropeiro!”: identidade, patrimônio e materialidades na construção da terra do tropeirismo*. Teses de doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2323>
- Silva, S. M. (2006). *O tropeirismo de porcos: processos mercantis e dinâmicas sócio-culturais na região nordeste do Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX*. Tese de doutorado em história, Universidade de Passo Fundo. Recuperado de <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/129>.

Skibiński, J., Kultys, K., Baran-Zglobicka, B., & Zglobicki, W. (2021). Geoparks in SE Poland as Areas of Tourism Development: Current State and Future Prospects. *Resources*, 10(11), 113. <https://doi.org/10.3390/resources10110113>

Straforini, R. (2004). *No Caminho das Tropas*. Sorocaba: Tcm Comunicação.

Suprinyak, C.E., & Marcondes, R. L. (2007). Movimentação de tropas no Centro-Sul da Colônia: aspectos estruturais do mercado de animais na segunda metade do século XVIII. *Estudos Históricos*, 2(40), 47–69.

Zocche, J. J., Campos, J. B., Matias, C. P., & Santos, M. C. P. (2014). A Contribuição das Vacarias para a Formação da Paisagem Cultural dos Campos de Cima da Serra no Sul do Brasil. In J. J. Zocche, J. B. Campos, N. J. O. d. Almeida & C. Ricken (Eds.), *Arqueofauna e Paisagem*. Erechim: Habilis.

Recebido em 01/jan./2024

Versão corrigida recebida em 28/jul./2024

Aceito em 29/jul./2024

Aceito após revisão em 3 /mar./2025

Publicado em 29/abr./2025